



## **O ESPAÇO URBANO E OS TEMPLOS AFRO-BRASILEIROS EM RIO GRANDE-RS-BRASIL**

---

**Rogério Amaral Pereira**  
*Universidade Federal do Paraná*

### **Resumo**

O presente artigo aborda o estudo sobre o espaço urbano, em especial, a descontinuidade materializada pela dinâmica sociocultural, presente na cidade de Rio Grande-RS. Esta leitura sobre a descontinuidade urbana, objetiva contextualizar a relação dos terreiros de matriz afro-brasileira na referida cidade. E também compreender as manifestações sociais da comunidade religiosa, através da devoção constituída no cenário urbano rio-grandino. Nesta perspectiva, a contribuição social da pesquisa é exercer uma leitura acadêmica e desprovida de convencionalismos, ao manusear cientificamente o debate sobre segregação urbana e espaços simbólicos, por meio da comunidade dos terreiros.

**Palavras-chave:** Espaço urbano; segregação; terreiros; Rio Grande.

## ***URBAN SPACE AND THE AFRO-BRAZILIAN TEMPLES IN RIO GRANDE-RS-BRAZIL***

---

### **Abstract**

The present article addresses the study about the urban space, specially, the materialized discontinuity by the sociocultural dynamics existing in the city of Rio Grande-RS. This understanding about the urban discontinuity, aims to contextualize the relationship among the temples of Afro-Brazilian array in this city. And also to understand the social manifestations of the religious community, through the constituted devotion in the urban scenario of Rio Grande. In this perspective, the social contribution of the research is to perform an academic understanding and without conventionalism when handling scientifically the debate about urban segregation and symbolic spaces through the communities of the temples.

**Keywords:** Urban spaces; segregation; temples; Rio Grande.

### **INTRODUÇÃO**

E é nos lugares que os impulsos e desejos humanos são gerados e incubados, que eles vivem na esperança de realização e correm o risco da frustração – e de fato são, com extrema frequência, frustrados e sufocados (BAUMAN, 2007, p. 87).

Dentro duma esfera de reflexão sobre os percalços humanos fruto da dinâmica urbana no texto de Zygmunte Bauman, o presente ensaio acadêmico tem como objetivo contextualiza sobre a relação dos Terreiros<sup>i</sup> no espaço urbano por intermédio da ponderação sobre segregação urbana. Segundo Corrêa (2004), o espaço é fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ou seja, apresentado em um conjunto de símbolos e também um campo de lutas. E dentro desta dinâmica, o espaço está inserido, pois é parte da sociedade, em uma das suas dimensões mais aparentes e materializadas nas formas espaciais.

O estudo do espaço urbano permite entender os lugares construídos e os naturais, aqueles como a sede da cidade, e também o foco da discussão sobre espaços construídos através de “elementos da cultura afro-descendente” como pontos fundamentais desta abordagem (CUNHA JR, 2007, p.7).

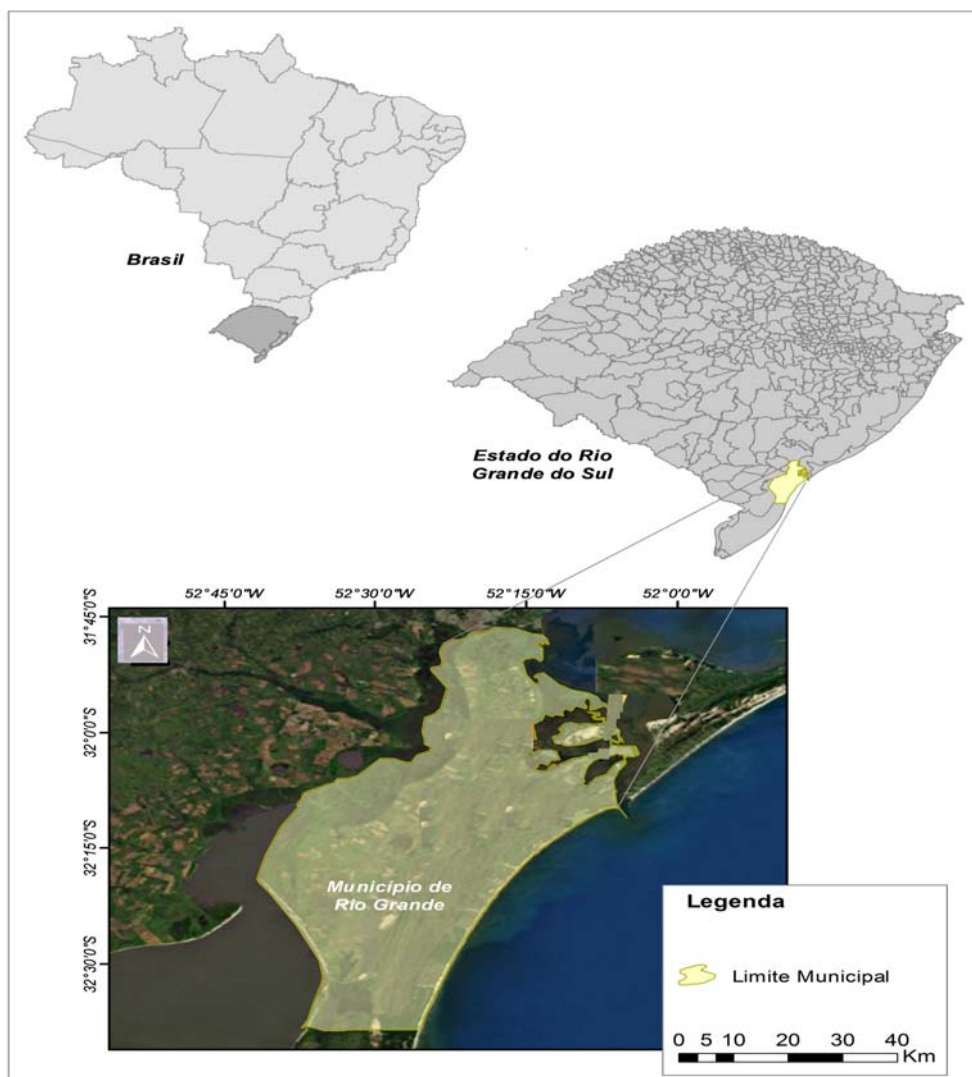
Mediante esse fato, será realizada uma abordagem sobre segregação urbana, apresentando, como recorte espacial, a cidade do Rio Grande (ver FIGURA 1), entremeada a questões de temporalidade a relação com a industrialização e à urbanidade, esta através do estudo de Martins (2006) que realiza a trajetória ao longo do século XX .

Com isto, o trabalho destina-se aos interessados em refletir sobre o espaço urbano, destacando a primordial significância da ciência geográfica para o desvelamento de questões sociais. Pois se entende que a investigação do homem com o meio na forma da sua produção espacial, salientar os contratempos e os percalços que o espaço geográfico sofre. E, diante disto, proporcionar uma informação significativa.

E mais, é possível tal apreensão social, se for explorado o meio onde se habita, o seu espaço-lugar, pois através deste é que se desenvolve a forma crítica e racional na produção do conhecimento de elementos que fundamentam o presente e os quais são percebidos como reais e concretos. Ao explorar a realidade que condiz com o meio, onde se é presente, encontra-se algo complexo, que não é revelado de forma explícita para a sociedade onde os atores sociais não se mostram com facilidade. Assim, precisa-se ir além das aparências, do que é denominado de visível e palpável, sobretudo para descobrir o ponto central das relações sociais em uma contínua ação de pensar e repensar o espaço construído pelos fatores naturais e principalmente sociais como é o que envolve os Terreiros.

E é dentro desta totalidade que a abordagem entre a cidade e o urbano é fundamental, para o estudo das disparidades espaciais na forma de segregação urbana. De acordo com Lefebvre (1991) que aponta que a cidade forma a ordem próxima, enquanto o urbano refere-se ao que é denominado de ordem distante; nesta dimensão, o urbano revela o processo de generalização da urbanização e da formação de uma sociedade urbana como possibilidade. Já a cidade permitiria pensar o plano do lugar, revelando o vivido.

**Figura 1.** Localização da cidade de Rio Grande no RS e Brasil.



Fonte: IBGE (2013), organizado pelo autor, 2014.

Em presença deste contexto, há que salientar que, para pensar o espaço urbano e a paisagem urbana, essa compreendida como a ampla escala espacial, constituída pelo processo de composição do espaço urbano, a qual representa um contexto urbano singular, como categorias geográficas distintas, mas imbricadas, deve-se antes transgredir o “[...] instantâneo, registro de um momento determinado, datado no calendário” (CARLOS, 2007, p. 35).

E mais, esta transgressão é a manifestação formal, que tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial do superficial, do imediatamente compreensível, da representação, da extensão e do real que compete a entender. Com isso, entender o presente, a realidade, requer uma tarefa de idas e vindas perante o objeto de investigação, ou seja, na delimitação do elemento urbano, num processo em que a interação com a ciência geográfica possibilita a sua explicação.

Neste sentido, é importante esta argumentação para a compreensão do processo urbano e seus fatores,

[...] pois os cidadãos urbanos da camada inferior são 'condenados a permanecerem locais' – e portanto se pode e deve esperar que suas atenções e preocupações, justamente com seus descontentamentos, sonhos e esperanças, se concentrem nos 'assuntos locais' para eles, é dentro da cidade que habitam que a batalha pela sobrevivência, e por um lugar decente no mundo, é lançada, travada e por vezes vencida, mas na maioria das vezes perdida (BAUMAN, 2007, p.81).

Então, neste contexto, pode-se justificar o que despertou para realização deste estudo, pois seja uma abordagem sobre a dinâmica do espaço urbano vista através, das comunidades que compõem o conjunto denominado cidade, mas que recebem denominações pejorativas e são estereotipadas por parte da sociedade. E conforme a colocação de Bauman (2007) a luta em uma batalha social para alcançarem seus direitos, no caso, são os da cidade por completo, ou seja, a sua contemplação material e imaterial que, em muitos casos, não se realiza.

Deste modo, a abordagem referida aos conflitos sociais e o interesse em conhecer e atuar sobre a urbe é resultado do acontecimento de ser ela o lugar onde existe o maior número da população. No entanto, também é o lugar aonde os investimentos de capital são maiores, seja em atividades localizadas na cidade como um todo, ou no próprio urbano, na produção da cidade.

Corrêa (2004) denomina ser também o principal lugar dos conflitos sociais. Assim, a contextualização a seguir, sobre a segregação urbana, demonstrará os enfoques sobre a diferença exercida no espaço urbano, a qual priva alguns membros que compõem a cidade de seus objetos materiais e imateriais<sup>ii</sup>.

Perante este percurso expositivo, foram realizados esforços para enfatizar o estudo dos Templos afro-brasileiros na cidade contemplada no imaginário humano e tomada como formas simbólicas e religiosas. Mas aqui quer se deixar - sem ter a convicção de parecer uma pretensão exagerada – um organizar de ideias, que permita operacionalizar o tema proposto. Este constituído por meio de uma trajetória, cuja constituição foi alicerçada, através de observações e reflexos como esta que será oferecida no decorrer dos próximos parágrafos.

### **CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE SEGREGAÇÃO URBANA**

A segregação urbana pode ser definida, grosso modo, como a manifestação urbana, que não dá o direito à cidade a alguns membros que compõem a urbe. E, com esta abordagem, o cidadão dos objetos urbanos, no contexto da materialidade e também da imaterialidade é, além disso, um processo que distancia também os homens da própria natureza que o compõem dentro da cidade, ou seja, do seu semelhante.

Nesta conjuntura, a segregação urbana aparece no conjunto social da cidade, como um agente que causa prejuízo para alguns e benefícios para poucos, atuando sob uma espiral da produção urbana. E nessa não se esconde no cenário urbano, atua de forma dialética, pois renega alguns cidadãos e, ao mesmo tempo, reconhece-os como números gerais, que compõem a urbe em um processo de movimentação da forma urbana do espaço. E, reafirmando tal processo tomando como base o pensamento de Villaça (1998, p. 148) ao afirmar que a segregação urbana “[...] é um processo dialético, em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros”. Com isso, o mesmo autor conclui, como resultado desse processo, ser a dialética do escravo e do senhor<sup>iii</sup>.

E esta, no entendimento que é compartilhado e que é próximo ao de Villaça (1998), expressa para o espaço intraurbano, ser o da distância social, como um dos contribuintes expressivos para a ocorrência da segregação urbana. Sendo que a organização do espaço é distribuída em zonas de forte homogeneidade interna e de forte disparidade social e, entre ambas, são constituídas as diferenças representadas na hierarquia. Diante deste fato, a segregação pode atuar, segundo Corrêa (2004), como um processo necessário para a dominação do tripé que move o espaço, ou seja, do cultural, do econômico e do político.

Para Marcuse (2004), em relação aos enclaves sociais, é definido como um processo, no qual um grupo social é obrigado, involuntariamente, a ser acomodado em um determinado recorte espacial da cidade, ou seja, a constituição de um gueto<sup>iv</sup>. Este é atualmente também no processo de formação e, principalmente, de desenvolvimento do mesmo. E, por outro viés, o autor denomina como sendo o caráter de congregar, possuindo este uma atitude de reunião voluntária de um grupo social, com a finalidade de proteção e desenvolvimento dos seus respectivos interesses. Com isto, o recurso à dominação e à exclusão origina no que ele denomina de processo de formação de um enclave.

Desta forma, são as aglomerações os componentes forçosos da vida urbana, as quais surgem sob todas as configurações e algumas delas têm despertado atenção especial, mas nem sempre é clara a linha divisória que separa as de importância pública das demais. Assim, o paradoxo entre a segregação socioespacial e o Estado é algo liminar, pois a instalação da segregação, neste caso, “[...] depende do Estado que igualmente tem o poder de acabar com a segregação” (MARCUSE, 2004, p. 24).

Diante deste fato, o papel do Estado passa na imposição da segregação, enquanto as divisões por função são as divisões por *status* inferior; isto é imposto; assim, os que têm um *status* superior mantêm voluntariamente sua separação; eles precisam dos meios para impô-la àqueles de posição inferior contra a vontade destes.

Para isto, os tipos de segregação urbana, não excludentes, segundo Villaça (1998), na sua abordagem intraurbana, são pertinentes para esta abordagem. A posição entre o centro (onde o valor do solo é mais elevado) e a zona periférica caracteriza-se como um tipo apresentado por este autor. O afastamento crescente entre as zonas e moradias reservadas às camadas sociais mais privilegiadas e as zonas de moradia popular, demarcam outro. E, finalizando, há o

esfacelamento generalizado das funções urbanas disseminadas em zonas geograficamente distantes e cada vez mais especializadas.

Assim, considera-se esta realidade, em um grupo étnico ou religioso, que tem a capacidade de exercer uma função econômica diversa e permanecer dependente socialmente a outro grupo. Contudo, há subsídios de distinção cultural, que são separados dessas diferenças sociais e econômicas e que podem até refletir tais diferenças, não se identificam com elas. Assim, o

[...] culto, música, parentesco, língua, história, feriados, vestuários, relações familiares não dependem de sua produtividade econômica para atrair as pessoas, nem precisam de uma relação aos de fora para fortalecer embora tais sentimentos possam lhe ser facilmente incorporados (VILLAÇA, 1998, p. 26).

Se desperta a atenção para as diferenças refletidas nos Templos de culto de matriz afro-brasileira, espaços urbanos onde as afinidades contradizem as diferenças de *status*, pois em cada grupo, unido por laços de cultura, pode haver grandes diferenças de classe assim como de função econômica. O que Marcuse (2004), com a sua abordagem sobre a cidade compartimentada, denominou ser a interdependência imbricada, há uma resistência mútua. E esta relação de pensamento é corroborada por Roitman (2004), em seu estudo sobre as urbanizações fechadas, ao mencionar que a segregação urbana para este caso pode ser um processo social do qual resulta a separação de um determinado grupo social, ou melhor, outra categoria social econômica.

Perante essa colocação, pode-se compreender que a segregação urbana é um processo dinâmico. Conforme Corrêa (2004), ela se define como ser a relação espaço/tempo. E este processo do fazer pode ser rápido ou lento, de modo que um padrão espacial pode permanecer por um longo período de tempo ou mudar rapidamente. Assim, a distância da segregação, no entanto, “[...] é a própria do capitalismo, não sendo típica da cidade pré-capitalista caracterizada por forte imobilismo sócio-espacial” (CORRÊA, 2004, p.69).

E, mais, para ele são os processos e as formas espaciais relacionadas à existência e à reprodução dos diferentes grupos sociais urbanos. Com isto, a segregação urbana pode ser pensada como um elemento de reprodução social, no qual o espaço atua como um elemento condicionador da sociedade. Ponto que será apresentado, a seguir, de forma mais verticalizada no decorrer do estudo com o enfoque na cidade de Rio Grande-RS. Isso permitirá, assim, a análise de um estudo de caso sobre segregação socioespacial relacionado à realidade brasileira.

#### **A CIDADE DE RIO GRANDE E SUA RELAÇÃO COM OS TEMPLOS AFRO-BRASILEIROS**

A ciência geográfica também centra os seus estudos nas estruturas e interações do homem com o ambiente. Assim as interações humanas, também fruto da cultura, podem ser analisadas sob os seguintes vieses: o da materialidade e o da

imaterialidade. Estes são consoantes ao pensamento filosófico de Platão que apontava como mundo material e plano imaterial, ou seja, o último citado é visto como mundo das ideias, a morada das divindades. E nesta relação, no espaço concreto, é representado de certo modo ainda pela vida cotidiana, o espaço vivido, que se apresenta também através dos Terreiros.

Assim, a experiência do sagrado repercute em diferenciações em relação aos lugares e objetos, ou seja, encontra-se ligado ao vivenciar. E os seres humanos, além de sacralizarem os lugares, necessitam vivê-los, pois percebe a paisagem à volta, o templo construído, o local reservado, a sua potencialidade.

Os símbolos misturam as percepções humanas, porque esses assumem o lugar dos acontecimentos verdadeiros. Eles apresentam-se como a crença e mais a existência de um lugar para preenchê-la no inconsciente individual, o qual aceita a interpretação dos processos que produzem a necessidade da sublimação religiosa. Ainda assim, esse processo subsiste com o indivíduo, não podendo preencher esse lugar com suas próprias produções, mas somente utilizando significantes dos quais não dispõe livremente.

Na cidade, localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul, manifestada popularmente como Noiva do Mar, devido a sua proximidade com os corpos hídricos: o saco da Mangueira, a praia do Cassino, o Canal do Norte, que exerce comunicação com as águas oriundas da Lagoa dos Patos, lâmina de água doce, que simboliza a entidade mítica Oxum, símbolo de doçura, beleza e riqueza e o Oceano Atlântico, energia salgada, que tudo purifica e limpa de ruim, de lemanjá. E nesta localidade, é que surgem as primeiras manifestações religiosas, de matriz africana, no Rio Grande do Sul.

Com isto, a cidade de Rio Grande, fundada em 1737, na desembocadura da Lagoa dos Patos, marco inicial dos portugueses em terras sulinas brasileiras, “[...] foi a porta de entrada das religiões africanas no Estado do Rio Grande do Sul” (ORO, 1994, p.11). E mais, é possuidora de um patrimônio cultural representado através dos Terreiros, espalhados por toda a malha urbana municipal. Estes, com um número superior a 200, na atualidade, registrados conforme os dados obtidos da URUMI<sup>v</sup>, estão concentrados em maior número na zona periférica da cidade. Com suas danças, festividades, musicalidade e religiosidade, representadas na devoção aos Orixás, Caboclos, Preto-velhos, Povo do Oriente e o Povo da Rua (FOTO 1), segundo Sodré (1988), promulgados na pequena urbe, denominada Terreiro.

Por outro lado, a cidade apresenta o lamentável fato da rejeição ou negação da presença dos Terreiros na cidade sulina. Este fato é oriundo de resquícios de um Brasil imperial, o qual é presente ainda no século XXI e que contradiz com os levantamentos do IBGE<sup>vi</sup> (ver FIGURA 2).

Desta maneira, a dicotomia social apresenta-se com ênfase, pois nos Terreiros ainda é vinculada a base social com os elementos afro-brasileiros e principalmente da elite social. Esta manifestação religiosa, cultuada também pela elite e pela classe média, estrato social rio-grandino que, no início do século XX, buscava aproximar-se de aspectos ligados à cultura europeia.

A relação social de seus representantes que passaram a constituir-las como instituições de associações civis formais, com o regimento, estatuto e mensalidade para os seus sócios com o objetivo de manutenção destas

instituições no início do século. Com isto, o Terreiro passa a ser Centro Espírita, com estatuto que estabelece os cargos como: presidente, secretário e tesoureiro.

**Foto 1.** Manifestação social da comunidade religiosa na caminhada em homenagem a Ogum, São Jorge Guerreiro.



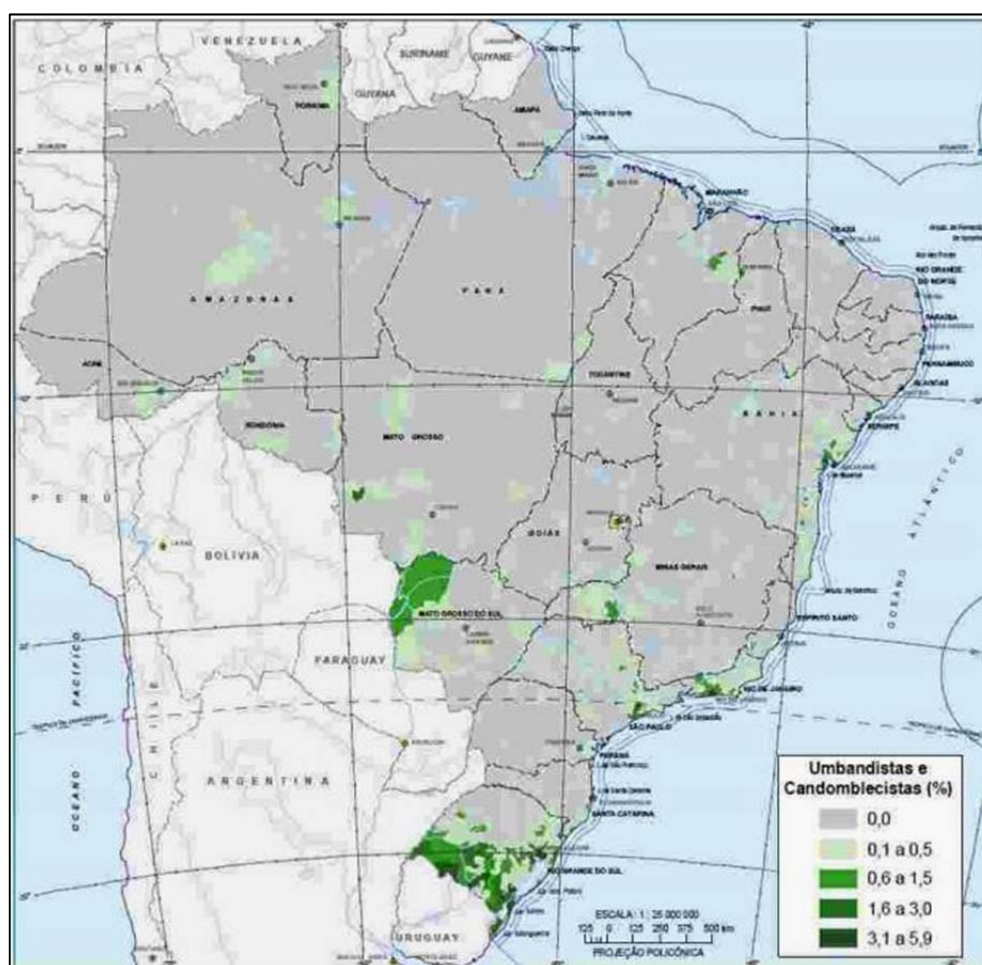
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Assim, os Templos de matriz afro-brasileira na cidade apresentam uma vinculação direta com a organização urbana da cidade, pois grandes polos econômicos, do final do século XIX e início do século XX, constituem tal relação. Na parte nova da cidade, está o bairro Cidade Nova, desenhado urbanisticamente para desafogar a parte antiga da cidade o atual bairro Centro, delineando com forte característica portuguesa na arquitetura de grande parte dos imóveis que compunham sua paisagem (MARTINS, 2006). Ele foi planejado para os operários das fábricas a exemplo do complexo industrial têxtil Rheingantz, funcionários da Viação Férrea, entre pequenos comerciantes, principalmente de origem portuguesa. E é o bairro que deu origem aos primeiros templos de Umbanda na cidade.

E dentro desta descrição espacial não se pode esquecer a construção do Porto Novo, o qual auxiliou na constituição do bairro Getúlio Vargas, devido à oferta de emprego pelo mesmo, o que resultou na ocupação de um grande número de pessoas de diversas localidades do país em uma área alagadiça da cidade, que passou a ser ocupada em maior número por trabalhadores da atual área portuária, ou seja, a movimentação urbana causada pela proximidade do polo de empregos.



**Figura 2.** Percentual de pessoas umbandistas e candomblecistas no Brasil.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2010).

Para Corrêa (2004, p. 30), pode ser definida como ponto de segregação socioespacial, pois, é

[...] em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentes e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de tudo, uma forma de resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade.

Este bairro é um dos redutos das religiões de matriz afro na cidade, berço dos Terreiros de Batuque, local de grande expressão cultural também na arte musical. Assim, nas décadas de 1970 e 1980, a relação com a alta economia das indústrias, principalmente, de pescados, na cidade e a relação com o Super Porto, originou o bairro mais populoso da cidade com cerca de 40 mil moradores, o Parque Marinha, de construções populares, estas definidas pelos agentes imobiliários locais junto ao Poder Público Municipal na delimitação desta área urbana.

Deste modo, um número elevado da população rio-grandina deslocou-se para esta área da cidade, composta por trabalhadores do distrito industrial e constituem outra área de concentração de Terreiros de matriz afro-brasileira. Este fato vem ao encontro da definição de Marcuse (2004, p. 27) para as áreas costeiras como cidades, as quais “[...] podem receber uso industrial ou ser ocupadas por trabalhadores portuários em uma determinada sociedade e, em outra, reservada para residências de luxo e uso recreativo”.

Com isto, pode-se entender que o espaço urbano rio-grandino necessita ser abrangido como um produto social histórico. E, sobretudo, como resultado da atividade de uma linha de gerações que, através de seus atos sociais e culturais, têm “[...] agido sobre ele modificando-o, humanizando-o, tornando-o, um produto cada vez mais distanciado do meio natural [...]” (SILVEIRA, 2003, p. 25) dos Orixás. Assim, a cidade é compreendida como uma composição que transcende as representações materiais e, como “artefato cultural, ela manifesta uma sistemática de valores sociais [...]” (CUNHA JR, 2007, p. 67), os quais são negados.

De acordo com os dados do último Censo 2010 a população rio-grandina apresenta 197.228 habitantes, com 15.003 habitantes declarados como religiosos pertencentes à religião de matriz afro-brasileira na cidade (FIGURA 2), pode-se considerá-lo uma pequena África no interior do Rio Grande do Sul, a cidade do Rio Grande. E devido ao grande número de Terreiros, ou seja, números que colocam a cidade em primeiro lugar no ranking das dez maiores cidades, de acordo com o percentual da população com religiões afro-brasileiras no Brasil.

A segregação urbana pode ser simbolizada, conforme o pensamento de Marcuse (2004), por ser uma congregação, de um sentimento voluntário por parte da comunidade religiosa como forma de se proteger do preconceito. O enclave, segundo este autor, é o escudo que alguns grupos sociais exercem no caso dos terreiros rio-grandinos, como forma de desenvolvimento da cultura, do político e do social. Este fato vai ao encontro da reflexão de Cunha Jr (2007) sobre a questão destes grupos religiosos, ele coloca que a mestiçagem não mestiçou o fator econômico nem mesmo as categorias de poder, que ficaram com hegemonicamente eurodescendentes. Com isto, o espaço urbano adquire um caráter estratégico de micro e macro estruturas determinado, cultural e etnicamente.

Para Carlos (2007), este caráter estratégico compõe a realidade urbana e neste, por conseguinte, é uma realidade que transcende o trabalho em que os homens, oferecem suas energias e capacidades, de maneira recíproca, para os fins materiais, coisas, ou na forma de serviço. Essa se caracteriza como a separação dos espaços produzidos sócio e culturalmente. E constitui o ponto de partida para a concentração cultural da sociedade contemporânea.

Na visão de uma percepção alicerçada pelo espaço visto como um todo, na descoberta do que fornece o conjunto de estímulos à busca através da religiosidade, denuncia o intermundo e visa-se compreendê-lo junto às espacialidades formadas pela devoção (FOTO 2), antes de fornecer uma apropriação do mundo sem negligenciar os fatores, social e político. Assim, a compreensão do espaço é entendida como o local das atividades integrais dos indivíduos, mas não como um receptáculo imóvel e, sim, como dinâmico que acompanha as manifestações promovidas pelos atores sociais, e este apresenta algo que perpassa as relações de mera produção, que nele se desenvolvem no tempo e no espaço, sendo denominadas de ações ativas, neste caso, que abarcam a religiosidade.

Conforme Sodré (1988, p. 104):

Há uma socialização clandestina em torno do jogo simbólico do terreiro. Em função dela dá-se a conversão analógica andejada pela força. Os espaços de 'aldeia' na cidade moderna (o terreiro e seus desdobramentos litúrgicos - festivos) caminham no sentido da transação, da negociação ou do 'acerto' [...], como estratégia popular.

O reconhecimento religioso, no campo de luta por um espaço maior entre outras religiões, não só forma uma resistência. Mas, também a apropriação do caráter político constitui, dentro da urbanidade, novos signos e mitos imediatos que se somam junto à expressão dos grupos religiosos.

**Foto 2.** Manifestação da comunidade religiosa na frente do prédio da Prefeitura Municipal de Rio Grande.



Fonte: Acervo do autor, 2014.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta experiência, buscou-se direcionar o olhar também para o fator religioso, de modo a encontrar uma abordagem do espaço e suas espacialidades simbólicas através da relação sacro-profana, e mais, subsídio para compreender a representatividade urbana. E com o aporte da Geografia, tentou-se abordar a análise espacial rio-grandina.

No entanto, o espaço urbano, por se tratar de um ambiente de relações, o qual pode ser considerado multipolar e, principalmente, que pode ser analisado a relação homem/meio, com a finalidade de compreender o objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico. Este palco das efetivações humanas, sobretudo, abrange os elementos sociais e os naturais dos Orixás e que são passíveis de serem analisadas as espacialidades.

Assim, ao se tecer algumas exposições sobre o estudo, tem-se a consciência das limitações e das condições que este tema promove, por ser algo que a sociedade ao abordá-lo ainda apresenta sê-lo. Pois, sabe-se que toda a cidade é uma projeção materializada do imaginário de parte que compõe a sociedade, ou seja, a aristocrata, no espaço. Diante disso, conclui-se que a segregação urbana, entre outros fatores, é fruto de um poder que não deve ser colocado como imaginário ou, muito menos, onipresente. Uma vez que ele é materializado na relação de repulsão não só entre o centro e a periferia, mas aos elementos que constituem sócio e culturalmente os membros pertencentes a essa categoria urbana.

E tais concretizações de repulsão são explicadas, através do planejamento do espaço e sua subjetividade promovida pelo Estado, segundo Marcuse (2004) a define como um enclave social dialético. E Villaça (1998), quando define ser o distanciamento. Assim, a produção da cidade e do espaço urbano na contemporaneidade se reflete na colocação de Bauman (2007) sobre o espaço de luta e frustrações que os lugares provocam ao homem.

Dentro desse contexto, o estudo procurou focar esta consequência promovida no espaço urbano, denominada segregação socioespacial, a cidade do Rio Grande-RS. E expor, de certa maneira, que a cidade é dividida e articulada. E, através da relação com os Templos de matriz afro-brasileira, aportar que a segregação pode mascarar elementos que compõem o viés cultural da cidade como a religião.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunte. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CORRÊA, Roberto. Lobato. **O urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CUNHA JR, Henrique. Afrodenscendência e espaço urbano. In: \_\_\_\_\_; RAMOS, Maria Estela Rocha (Orgs.). **Espaço urbano e afrodenscendência: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas**. Fortaleza: UFC edições, 2007. p. 62-87.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.

MARCUSE, Peter. **Enclaves, sim; guetos, não:** a segregação e o Estado. Tradução Mario Chaves, Espaço e debate, São Paulo, v. 24, n. 45, p. 24-33, jul. 2004.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande:** industrialização e urbanidade (1873-1990). Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

ORO, Ari Pedro. **As religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS, 1994.

ROITMAN, Sonia. Urbanizaciones cerradas: estado de la cuestión hoy y propuesta teórica. **Norte Grande**, Pontifical Universidade Católica del Chile Santiago, Chile, n 32, p. 5-19, diciembre, 2004.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Cidade, corporação e periferia urbana:** acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2003.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade:** a forma social negro-brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 1998.

---

<sup>i</sup> No decorrer do estudo, o termo será referido com letra maiúscula inicial como sinal de respeito ao local de manifestação religiosa de matriz afro-brasileira.

<sup>ii</sup> São as produções humanas exercidas no mundo, constituídas pelas práticas culturais, estas representadas através da produção simbólica, a qual permeia e produz sentido abrangendo todos os aspectos da vida cotidiana do cidadão, sendo esta uma paisagem que permite ao indivíduo comunicar com a sociedade no espaço.

<sup>iii</sup> Expressão utilizada por Villaça (1998), que a interpreta como a luta que envolve o processo da segregação urbana, ou seja, uma luta de classe na qual é perpetuada a dinâmica dos expropriados e dos beneficiados socialmente.

<sup>iv</sup> Segundo a definição do Roitman (2004), o termo é originário do verbete *ghetto*, que é o bairro em qualquer cidade, no qual é confinada certa população, por imposição econômica ou racial (cultural).

<sup>v</sup> A sigla refere-se à União Rio-grandina de Umbanda e Africanismo Mãe Iemanjá.

<sup>vi</sup> A sigla refere-se ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Contato com o autor: rogerioappixote@hotmail.com

Recebido em: 12/05/2015

Aprovado em: 21/09/2015